

# A influência da mídia sobre o ser humano na relação com o corpo e a auto-imagem de adolescentes

The influence of the media upon the human being in the relationship with the body and the teenagers self-image

## Inácio Brandl Neto

Mestre em Educação/Educação Motora (UNIMEP), Doutorando em Educação Física (USJT), Professor do Curso de Educação Física da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Membro do GEPEFE.

## Ivanir Glória de Campos

Especialista em Educação Física (Gama Filho), Mestre em Educação Física (Universidade de Ribeirão Preto).

**Resumo:** O tema do estudo visa fazer uma relação entre a imagem corporal de escolares adolescentes com elementos midiáticos que os influenciam, percebida nas aulas de Educação Física. O objetivo deste estudo foi realizar um trabalho de pesquisa teórica com o tema corpo, abrangendo conhecimentos sobre como ele vem sendo tratado ao longo da história (culturas corporais, transformações, sacrifícios, costumes, modismo) e a influência da mídia sobre o corpo na sociedade de consumo. Percebeu-se como os chamados "valores capitalistas" que nos padronizam, podem impor modelos corporais que interferem na auto-imagem e no bem-estar das pessoas. Os textos pesquisados demonstram a importância de aprofundar este estudo nas escolas. Estes escritos poderão oportunizar as pessoas/alunos a conhecerem melhor e perceber as influências do meio em seu bem estar, assim como a sua responsabilidade no processo de contribuir para a reflexão do que está acontecendo na sociedade capitalista que estamos inseridos.

**Palavras-chave:** Corpo; Mídia; Auto-imagem.

**Abstract:** The theme of the study is linked to body image for adolescent students, perceived in physical education classes, influenced them, usually by media. The aim of this study was to perform a theoretical research with body as subject, comprising about it and how knowledge is being addressed throughout history (body culture, changes, sacrifices, customs, fad) and media's influence on the body in consumer society. It will realize how "capitalist values" that standardize us, and impose corporal patterns that interfere on the self-image and well-being of people. These bibliographic surveys demonstrate the importance of furthering the study in schools. These writings may do that people / students to better know and understand the influences of the environment in their well-being, as well as its responsibility on the process to contribute to the reflection of what is happening in capitalist society we operate.

**Key Words:** Body; Media; Self-image.

## 1 INTRODUÇÃO

Na cultura capitalista atual, marcada por valores dominantes como competição, consumismo e individualismo, o ser humano está se tornando cada vez mais narcisista, e o corpo está posto como objeto, mercadoria, consumo, aparência, instrumento de trabalho para gerar lucro ao capital, sujeito as leis do mercado. E a escola inserida neste meio sofre influência destes aspectos.

O processo de ensino-aprendizagem ocorre normalmente quando a pessoa está bem consigo mesma, tendo boa auto-estima e auto-imagem. Uma sociedade, influenciada pela mídia, que engendra ações capazes de ditar o padrão de beleza e rotular os corpos, tem tendência de prejudicar emocionalmente estes sentimentos e atrapalhar a constituição subjetiva do sujeito e seu processo de desenvolvimento como aprendiz. Isso não quer dizer que tudo que é apresentado nesses meios comunicativos seja de má qualidade, mas que é necessário refletir a respeito dos seus efeitos.

Este estudo bibliográfico tem como meta fazer refletir sobre a influência da mídia sobre o ser humano em relação ao seu corpo, considerando principalmente a auto-imagem de adolescentes, bem como o que isto pode acarretar em relação a auto-imagem destes jovens. Mais do que um levantamento, o objetivo deste trabalho é levar estas opiniões/reflexões de diversos autores até os discentes nas escolas, fazendo com que tenham conhecimento destes padrões estabelecidos ao longo da história, percebendo que o ser humano vive em processo de metamorfose corporal, conforme o interesse do sistema dominante. Além disso, também se quer oportunizar discussões a respeito do corpo como um ser historicamente construído, como indivíduo e como coletivo, e sua relação com o mundo.

## 2 MARCAS NO CORPO AO LONGO DA HISTÓRIA

O ser humano ao longo da história tem sofrido marcas profundas em todas as suas dimensões. Marcas estas que carregamos até nossos dias, de forma muito acentuada e registrada no inconsciente coletivo. Corpo que foi queimado, esquartejado, torturado, moldado, modelado, docilizado, escravizado, canonizado, apedrejado, explorado, fragmentado, etc.

Foucault (1998, p.150-151) relata que “no início das sociedades industriais, instaurou-se um aparelho punitivo, um dispositivo de seleção entre os normais e os anormais”. Percebe-se o grande esforço de disciplinarização e de normatização. Estas, servindo sempre ao capital. Quanto mais os corpos fossem disciplinados e normatizados, maior seria a facilidade de dominação, de lucro e de adaptação ao sistema vigente.

Brandl Neto (1998, p. 28) enfatiza que “a dominação sempre teve como base o corpo. Quando se domina o corpo, fica fácil atuar sobre ele. O poder sempre agiu assim. Não permitiu ao corpo se manifestar”. Salientando que quando o fez, “foi marcada por grandes lutas, conquistas e tragédias”.

Bucci e Kehl (2004, p.178) citam que as sociedades burguesas, desde o século XIX, consideram o corpo como propriedade privada e de responsabilidade individual. Que o corpo vestido das sociedades burguesas representava ascensão, respeito. Representava ser uma pessoa honesta, confiável. Hoje o corpo “malhado, sarado, siliconado, limita-se a confirmar: Sou um corpo malhado e siliconado”.

Foucault (2000), em seu livro vigiar e punir, aborda o que ocorria com o corpo dos condenados, o suplício que lhe era infligido, as punições corporais atroztes que ocorriam: “[...] corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro,

exposto vivo ou morto, dado como espetáculo” (p.12). A partir do século XIX desaparece o espetáculo da punição física e o corpo supliciado é escamoteado; exclui-se do castigo a encenação da dor e entra-se na época da sobriedade punitiva. O autor estudou os métodos punitivos a partir de uma “tecnologia política do corpo, onde é historicamente percebida a “relação comum de poder e das relações de objeto” (p.24). O autor cita que nessa linha, Rusche e Kirchheimer estabeleceram a relação entre os vários regimes punitivos e os sistemas de produção em que se efetua, e concluem que numa *economia servil*, os mecanismos teriam que estar envolvidos com mão de obra suplementar e constituir uma *escravidão servil*, ao passo que numa época em que a moeda e a produção estão pouco desenvolvidas, assistiu-se um crescimento dos castigos corporais, sendo o corpo na maioria dos casos o único bem acessível, a *casa de correções* (FOUCAULT, 2000).

Com o surgimento do sistema industrial, o mercado exigia mão de obra livre, diminuíram os mecanismos de punições, sendo substituídos por detenções com finalidade corretiva. Foucault (2000) acrescenta ainda que o corpo está mergulhado num campo político. “As relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (p. 25). Segundo este autor, este investimento político do corpo está ligado por relações complexas com a questão econômica, com a força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação. Como força de trabalho o corpo deve estar preso num sistema de sujeição onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado. O corpo só se torna útil se for produtivo e submisso. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. (p.118). Os métodos que permitem

controlar o corpo, que realizam a sujeição constante de sua força e lhe impõe a relação de docilidade e utilidade são o que se pode denominar de disciplinas, sendo que a disciplina aumenta as forças do corpo em termos econômicos de utilidade e diminui essa mesma força em termos políticos. Processos estes que existem a muito tempo nos conventos, nos exércitos, etc., e estão presentes também em escolas, hospitais, e outros locais.

Ao observarmos jovens, percebe-se que os ideais estão como que anestesiados/paralizados. Estes se encontram apáticos em relação a crer na possibilidade de mudanças sociais. Segundo Fernandes (2005, p.13),

o corpo está em alta! Alta cotação, alta produção, alto investimento...alta frustração. Alvo do ideal de completude e perfeição, veiculado na pós modernidade, o corpo parece servir de forma privilegiada, por intermédio da valorização da magreza, da boa forma e da saúde perfeita, como estandarte de uma época marcada pela linearidade anestesiada dos ideais.

O corpo está se constituindo como fonte de sofrimento, de frustração e de insatisfação, e para Fernandes (2005, p.14), na clínica psicanalítica, se encontra presente de forma acentuada a questão corporal. O corpo como “estandarte de um ideal de perfeição que se busca freneticamente alcançar”. Este mesmo corpo hoje é “apontado como fonte de frustração e sofrimento, constituindo-se como o meio de expressão do mal-estar contemporâneo”.

### 3 CORPO, MÍDIA E SOCIEDADE DE CONSUMO

A mídia na contemporaneidade está diretamente relacionada aos veículos de comunicação e presente em vários espaços como televisão, rádio, revistas, internet, e outros.

“Encontram-se também nos corredores de bate papo, nas cartas manuscritas, nos meios impressos e até na utilização de um acessório como a lousa dentro de um ambiente escolar” (APOSTÓLICO, 2006, p. 45-46).

Sabemos que os meios de comunicação são na sua grande maioria tendenciosos, não divulgam as notícias com imparcialidade e geralmente se colocam a serviço da classe dominante e do capital. Ao mesmo tempo em que publicam uma notícia sobre o corpo visando à saúde e o bem-estar, publicam inúmeras promovendo a doença, seja física ou psíquica. Promovem a doença física, com incentivo ao fumo, ao álcool, a práticas e intervenções cirúrgicas visando à estética e provavelmente servindo a grandes empresas que vendem produtos, medicamentos, próteses etc. Ainda se pode lembrar do incentivo a prostituição em alguns programas, novelas entre outros. É do conhecimento popular que grande maioria que procura a prostituição o faz por desestrutura familiar, falta de recursos financeiros, dentre outros motivos, e encontra aí uma saída financeira imediata, em um país onde o desemprego cresce assustadoramente e o salário mínimo não alimenta uma pessoa de forma digna.

O corpo consumo, o corpo mercadoria, incorporado por modelos que se encontram dentro dos padrões de beleza que a mídia canoniza, e fazem o papel de prostitutas nos programas televisivos, tenta nos passar a mensagem que aquela é uma maneira maravilhosa de se viver. Não demonstra a violência que existe nesta profissão, pois nela acontece a exploração corporal, a objetualização deste corpo, o sofrimento psíquico, a violência física e as doenças sexualmente transmissíveis.

No contexto atual, onde as pessoas estão sofrendo psiquicamente por não se encontrar nos padrões de beleza que a mídia nos impõe, por falta de condições financeiras para as práticas

corporais modificadoras, ou por não conseguir atingir este padrão, se sente excluída, marginalizada, ridicularizada. Nesta ridicularização, podemos citar o que é feito com as pessoas gordas, com as pessoas idosas, com as pessoas consideradas feias pelo modelo padrão, bastando apenas uma breve análise de alguns programas apresentados por uma emissora de televisão tida como a mais popular do país.

Chauí (2006), em seu livro *Simulacro e Poder: Uma análise da mídia*, fez um estudo sobre como a mídia representa a classe dominante e como é fácil reproduzir este sistema, pois as idéias que predominam na sociedade são as dessa classe. Já o pensamento de esquerda é difícil, pois além de desmistificar o senso comum, necessita trabalhar com a análise crítica das notícias e dos fatos. Ela é de opinião que o jornalismo tornou-se protagonista da destruição da opinião pública e que no jornalismo de hoje as notícias não estão demonstrando os fatos. Quem apresenta tem mais poder sobre a credibilidade dos fatos que a verdade dos fatos em si. Podemos até inferir que este processo se dá na mesma intensidade em relação à questão corporal, apresentada pelos meios de comunicação de massa. Os valores que nos são repassados por esses veículos de informação possuem muito mais força que os valores que são trabalhados no contexto educacional, portanto, necessitando de um trabalho árduo e intenso da educação para que não se torne verdade absoluta estes pseudo-valores corporais.

Segundo Apostólico (2006, p.12), a mídia possui “ingredientes que fazem parte do processo de hipnose e sedação produzidas pelas imagens”. A autora coloca que a imagem e gestos são mais facilmente apreendidos pela memória que as narrativas em si e inclui a moda como agente doutrinador da massa e entende que atualmente existe “a construção de um modelo de corpo onde homens e mulheres tenham formas muito

semelhantes". Ela ainda afirma que os corpos que se apresentam nas telenovelas são referências para a construção do corpo ideal.

Bucci e Kehl (2004) enfatizam que os publicitários perceberam que é possível fazer o inconsciente do consumidor trabalhar em favor do lucro. Para eles (publicitários) o inconsciente não é ético e nem antiético e o mesmo é amoral e funciona de acordo com a lógica da realização imediata dos desejos que na verdade não é tão individual como pensamos. Dizem que o desejo é social, que desejamos o que os outros desejam, ou que nos convidam a desejar. Que uma imagem publicitária considerada ideal é a que apela aos desejos inconscientes, ao mesmo tempo em que se oferece como objeto de satisfação. Esta imagem determina quais são os objetos imaginários de satisfação do desejo, e assim faz o inconsciente trabalhar para o capital. Mas, o inconsciente nunca encontra toda a satisfação prometida no produto que lhe é oferecido e nesta operação quem goza é o capitalista.

Em relação à publicidade do corpo idealizado, para Bucci; Kehl (2004), o processo é o mesmo. O ser humano procura adquirir tudo o que as propagandas colocam como objetos de satisfação pessoal. Os corpos se transformam em busca de satisfação que na grande maioria das vezes deve gerar angústia, pois as propagandas estão servindo aos interesses do sistema capitalista daquele momento. Um exemplo disto são os seios das mulheres: quem possuía seios grandes realizava plástica para diminuí-los. Bastou a propaganda mudar o foco exibindo seios grandes "com silicone" para que as pessoas mudassem de opinião.

A insatisfação em relação ao corpo continua permanentemente, enquanto o padrão idealizado pela mídia continuar mudando. Deve-se levar em conta que mesmo estando perfeitamente dentro destes padrões não significa que o ser humano tenha um estado de satisfação plena, pois este

ente não é somente corpo. Existem outras dimensões no ser humano que estão constantemente se transformando, evoluindo, modificando. O que é importante hoje, tido como um valor pessoal, amanhã pode não ser mais. Amanhã pode ser outro totalmente diferente. Evoluímos em todos os sentidos.

Em plena cultura do individualismo, da independência pessoal e da liberdade (como valores dominantes), vive-se uma espécie de mais-alienação, de rendição absoluta ao brilho não exatamente dos objetos, mas da imagem dos objetos. Mais ainda: rendição ao brilho da imagem de algumas personagens públicas identificadas ao gozo que os objetos deveriam proporcionar (BUCCI; KEHL, 2004, p. 65).

Segundo Serra (2001), tanto o conceito de adolescência estabelecido em sua dimensão psicobiológica como o determinado em seu âmbito sócio cultural, revelam-se fundamentais para demonstrar a importância do estudo nesta faixa etária, bem como possibilita a análise sob o ponto de vista técnico-científico do impacto dos novos padrões alimentares da saúde dos adolescentes. Ajuda também a compreender como os adolescentes se constituem no público alvo da mídia, no que diz respeito ao consumo de novos produtos e na adesão ao novo padrão estético corporal. Faz com que se entenda que o adolescente necessita ser desejado, querido e aceito, e manter um corpo bonito, esbelto e esguio, representa a expressão maior do erotismo/desejo, já que vive em busca da aceitação social. Para Serra (2001), as propagandas que divulgam estereótipos de modelos famosos podem levar o adolescente a querer ter um corpo como o destes modelos desenvolvendo nele o desejo de ser e de consumir tal estilo incitando-os muitas vezes a práticas não saudáveis. Em virtude disto, "desconhecer ou desconsiderar a presença e a influência hegemônica da mídia na formação da opinião,

## Artigo de Revisão

dos desejos, das atitudes, dos valores, dos comportamentos e da subjetividade torna-se quase impossível” (SERRA, 2001, p.7).

Segundo Santin (2002, p. 69), “os padrões estéticos corporais geram uma outra fantástica fonte de demanda social”. Há uma preocupação em manter ou adquirir a forma corporal de beleza ou de força exaltada pela sociedade. O autor lembra que o corpo passou por uma liberação de tabus moralistas que no passado era muito forte. Que este corpo pode ser exposto para a apreciação e para o consumo, sendo que os meios de comunicação televisivos promovem a exposição de imagens corporais sedutoras que o público aprova e aceita. Estas imagens acabam se tornando um modelo perseguido pela grande maioria das pessoas. Hoje com o avanço da tecnologia, na era da informática, os computadores estão assumindo de forma bastante acentuada e rápida este papel.

Para Apostólico (2006), o corpo feminino por suas formas serem mais definidas, foi o escolhido para seduzir e conquistar o público na luta pela audiência e também por uma questão mercadológica. Com o grande crescimento de produtos de consumo, começa a surgir uma nova modalidade de corpo, um corpo musculoso, sarado, erotizado e disponível, e os indivíduos estão sendo conduzidos por esse caminho que é a busca da homogeneização em todos os sentidos. Ela questiona: como, em um mundo de coisas, dotado de objetos tão diversos, dessemelhantes, pode-se ter um padrão único e específico de corpo belo? E como o que era belo em um momento, num segundo poderá parecer fora do padrão?

Bucci e Kehl (2004) fazem algumas interrogações e algumas afirmativas, que são importantes para reflexões acerca do corpo.

Que corpo você está usando ultimamente? Que corpo está representando você no mercado de trocas imaginárias? E onde a imagem representa o sucesso ou insucesso do sujeito na

sociedade? Que imagem você tem oferecido ao olhar alheio para garantir seu lugar no palco das visibilidades em que se transformou o espaço público no Brasil? (p. 174).

Os autores enfatizam que as mensagens que a mídia passa nos afetam de forma sutil, inclusive no campo do trabalho: “fique atento, pois o corpo que você usa e ostenta vai dizer quem você é. Pode determinar oportunidades de trabalho. Pode significar a chance de uma rápida ascensão social” (p.174).

Quevedo (2003) demonstra que o corpo e a mente desligaram-se, desvincularam-se, de tal forma que não é mais razão que determina este projeto, mas sim a mídia. Que o corpo passa a ser um simulacro de si mesmo, inventado pela mídia e tecnologia. Que o padrão de credibilidade social que vem se instituindo ao longo da última década é mediado pela tecnologia.

Em uma pesquisa realizada por Piana e Frade (2005) são expostos os resultados de um estudo sobre as reverberações das mediações sociais na formação dos valores estéticos corporais femininos. As autoras enfatizam que embora as múltiplas mediações sociais, pelas linguagens verbais e não verbais, desenham e exculpam no imaginário feminino, imagens e padrões ideais de beleza corporal, tais ideais, sofrem mutações sócio-culturais e históricas à mercê dos interesses econômicos e políticos, ao moldar e delinear os corpos, com características compulsórias padronizadas, mas que os sujeitos não são seduzidos, ao enredamento dos enunciados de forma totalmente ingênua. São co-participantes no processo de construção dos valores estéticos. Cabe aos sujeitos, aceitarem ou não, os padrões estáticos vigentes. O corpo não pode ser compreendido apenas “a partir de uma abordagem mercadológica: o corpo é identidade e expressão de subjetividade, sendo estes, fatores constituintes dos sujeitos e permeados de interferências de seus contextos sociais” (PIANA;

FRADE, 2005, p.3). Estes explicam ainda que as categorias de peso adequado à altura, cabelos lisos, longos e loiros, postura elegante, roupas justas que exaltam o contorno do corpo de dimensões femininas, pele sem evidências de manchas e etnia predominantemente branca, configura o ideal valorativo de beleza feminina de todos os mediadores sociais apresentados no trabalho, mídia, família, amigos e os próprios sujeitos. Sendo que estes padrões, de categoria europeizadas dominam o imaginário das adolescentes.

Conforme Piana e Frade (2005), nesse estudo ficou evidenciado o desejo de corpos homogeneizados, enquadrados aos padrões estéticos normatizados, sócio-culturalmente valorizados, coerentemente com a perspectiva contemporânea de outros sujeitos que na busca desejosa de enquadramento ao padrão "normal", constroem seus corpos por meio de tecnologia que seja através de práticas cotidianas no uso de cosméticos e dietas, quer seja no desejo ou na efetiva submissão a técnicas cirúrgicas. Verificaram também que essa submissão do sujeito do gênero feminino aos valores estéticos não é uma dimensão apenas da contemporaneidade. Que, no entanto, a imagem corporal feminina na atualidade tem sido explorada com um valor exacerbado. Essa condição atual imposta em especial ao corpo feminino, leva os sujeitos, na busca de corpos normais ou perfeitos, a um estado de desumanização, sendo que nos caracterizamos enquanto humanos, pelas nossas diferenças.

Os autores afirmam que há uma desvalorização expressiva por parte das adolescentes em relação a sua auto-imagem, quando os seus padrões estéticos não condizem com os veiculados pelo mediador social televisivo, sendo que esta desvalorização é mais intensa quando a família e os amigos também valorizam estes padrões.

As pessoas hoje estão procurando se encaixar nos padrões impostos pela mídia e, ao fazerem isto, estão se adaptando, obedecendo e se identificando com algo externo a elas, portanto, como acontecia há séculos, se tornando dóceis, submissas e obedientes para que tudo ande conforme o capital quer, e com isto, perdendo sua individualidade, sua singularidade, sua essência.

Basta poucas horas em frente à TV para se verificar como são tratadas as pessoas obesas. Um desrespeito ao ser humano que se encontra fora do padrão de beleza ditado por estes meios de comunicação. Encontramos programas de humor geralmente humilhando e ridicularizando as pessoas obesas. E ainda vemos pessoas obesas que se prestam ao papel de contribuir com esta situação. Não se quer com isso defender a obesidade, pois todos sabem o mal que pode acarretar a saúde, mas o que se pretende é alertar que os seres humanos devem ser respeitados, independente de sua forma física.

Segundo Baudrillard (1995, p. 136), na sociedade capitalista, o estatuto geral da propriedade privada se aplica igualmente ao corpo, à prática social e a representação mental que dele se tem. As estruturas do sistema atual, da produção e do consumo induzem no sujeito uma dupla prática com seu próprio corpo, tornando-se corpo consumidor e corpo para ser consumido. Para o autor a beleza que impera hoje é universal e democrática, inscrita como direito e dever de todos nesta sociedade de consumo e se manifesta indissociável da magreza.

Para o mesmo autor, a beleza não pode ser gorda ou magra, pesada ou esbelta como poderia ser numa definição tradicional fundada na harmonia das formas. Só pode ser magra e esbelta, em conformidade com a atual definição da lógica combinatória de signos, rotulada pela mesma economia algébrica que a funcionalidade dos objetos ou a elegância de um diagrama. Será de preferência magra e descarnada no perfil dos

modelos e dos manequins, que se revelam ao mesmo tempo como a negação da carne e a exaltação da moda. Conforme Baudrillard (1995), a felicidade constitui a referência absoluta da sociedade de consumo, revelando-se como o equivalente autêntico da salvação. Freud (1995, p. 96) diz que “a felicidade, contudo, é algo essencialmente subjetivo” e que a ciência da estética está investigando as condições de como as coisas são sentidas como belas, mas tem sido incapaz de fornecer qualquer explicação a respeito da “natureza e da origem da beleza”. Escreve ele também que a psicanálise pouco tem dito sobre a beleza e entende que a beleza e atração são originalmente atributos do objeto sexual (p.47).

Para Bucci e Kehl (2004, p.157-158), “na sociedade do espetáculo, que é a própria sociedade do consumo, a dimensão dos ideais é dispensada a favor da dimensão do consumo”.

Na modalidade de concorrência predatória, sociedades capitalistas dominadas pela indústria da comunicação e da imagem, são mais opressivas do que a que explorava a força braçal, o esforço, a dedicação ou a competência dos trabalhadores. A sexualidade juntamente com a beleza (reduzida a um simples material de signos que se intercambia) é que orienta hoje por toda a parte a redescoberta e o consumo do corpo. No corpo erotizado o que predomina é a função de permuta. (BUCCI; KEHL, 2004, p. 172).

Apostólico (2006) acredita que o princípio de dominação e poder é favorecido por meio da televisão e da cultura de massa. Cultura esta que poderia desencadear uma sociedade puramente materialista, no entanto foram estimulados os sonhos e desejos no imaginário coletivo, o que de certa forma, redundando em um afastamento parcial das questões materiais e um retorno ao erotismo da mercadoria. Isso é claramente percebido em várias propagandas quando o objeto é ilustrado por intermédio de um corpo feminino ou

masculino. Segundo este autor, ao longo da história a nudez tem sido permitida ou proibida de acordo com os fatores culturais ou interesses da burguesia.

Segundo Villaça e Góes (1998), a tendência da sociedade de consumo em que vivemos é atribuir a responsabilidade pela plasticidade do corpo ao indivíduo, induzindo-o a pensar que pelo esforço e exercícios físicos ele alcançará a aparência desejada, sem levar em conta a constituição corporal. Ao alterar-se o paradigma da racionalidade moderna onde o corpo era considerado exterioridade a ser controlada, o que se vê agora é uma exacerbação desse mesmo paradigma por meio de múltiplas estratégias disciplinares que geram corpos dominadores, corpos disciplinados ou narcísicos em que o indivíduo se separa de si mesmo, mas, por outro lado, verifica-se a possibilidade do corpo às diversas instâncias (pessoais, inter-pessoais e coletivas), na produção da subjetividade em que a singularidade surge como carne e imagem, matéria e espírito, ancorado no desejo e, portanto, não dissociado. Ocorre aí um movimento de resistência ao menosprezo do corpo visto como prisão e pecado.

Baudrillard (1995) é de opinião que o corpo transforma-se em objeto ameaçador que é preciso vigiar, reduzir e mortificar para fins estéticos, com os olhos fixos nos modelos emagrecidos e descarnados, onde é possível ver toda a agressão inversa de uma sociedade de abundância em relação ao próprio triunfalismo do corpo e de toda a recusa dos próprios princípios. A mística deste corpo perfeito e a fascinação pela magreza, exercem grande influência unicamente porque são formas de violência e fonte de sacrifício para o corpo, ao mesmo tempo entorpecido na sua perfeição e violentamente vivificado como acontece nos ritos de imolação. Este autor cita que o enfraquecimento das relações sociais, a concorrência no mundo econômico, repercute-se

na sexualidade, deixando de ser fator de coesão comum, torna-se frenesi individual do lucro e por meio dessa obsessão isola cada indivíduo.

Vivemos uma época em que tudo gira em torno da imagem. Segundo Bucci e Kehl (2004), os mitos, hoje, são muito olhados: “são pura videologia” (p.16). Está sempre atendendo aos interesses do poder, mas, segundo os autores, este poder não é bem o poder político, como imaginamos, nem o poder de um grupo. O poder, segundo Debord, citado pelos autores, “é a supremacia do espetáculo - a nova forma de modo de produção capitalista - sobre todas as atividades humanas” (p.20). Os autores enfatizam que o capitalismo contemporâneo é um modo de produção de imagens e que no século XIX o objetivo era desmascarar o caráter burguês do estado, mas, no século XXI, devemos compreender e decifrar os mecanismos pelos quais a política, a religião, a ciência, a cultura e as formas de representação que convergem para a imagem, só circulam e adquirem existência como imagem, que a tudo subordinam.

Em meio a todo este bombardeio de cobrança social pelo corpo padronizado, ainda se encontra algo singular como esta passagem de (Gorz, 2008, p.5):

Você está para fazer oitenta e dois anos. Encolheu seis centímetros, não pesa mais do que quarenta e cinco quilos e continua bela, graciosa e desejável. Já faz cinquenta e oito anos que vivemos juntos, e eu amo você mais do que nunca. De novo, carrego no fundo do meu peito um vazio devorador que somente o calor do seu corpo contra o meu é capaz de preencher.

#### 4 O EDUCANDO E A RELAÇÃO CORPO NO ESPAÇO ESCOLAR

No espaço escolar o corpo está sempre em segundo plano. Valoriza-se muito a mente,

esquecendo-se que esta dicotomia não existe (mente e corpo). Percebe-se isto, pela organização do espaço físico nas escolas, pelo número reduzido de aulas de educação física, principalmente nos primeiros anos do ensino fundamental, pelo pouco incentivo ao teatro, danças ou outro tipo de atividades, em suma, pela pouca importância ao conteúdo que envolve as questões corporais, valores e ética.

Para Fernandes (2005, p.19), a *unicidade* do corpo se transforma em uma *multiplicidade* de corpos: “corpo biológico, corpo filosófico, corpo histórico, corpo estético, corpo religioso, corpo social, corpo antropológico e corpo psicanalítico”.

Brandl (1998, p.64), em suas reflexões acerca dos “paradigmas que norteiam a educação física geral e a Educação Física em especial neste século”, opina que

é pressuposto básico, para que haja uma mudança significativa na Educação Física, o abandono urgente da visão dualista do homem (corpo-mente). Somente a partir desta mudança de paradigma (que não pode ser parcial, mas integral e efetiva) é que esta área poderá formular novas perspectivas.

Santin (2002), um defensor de novos paradigmas para a educação física escolar, participando como palestrante de congressos na defesa de uma educação física baseada em valores éticos, no lúdico e na corporeidade e prevendo os novos momentos da educação física, em busca de uma identidade, cita que “[...] esse esforço de busca de identidade, inicialmente, se desenha com a insatisfação diante da situação a que ela fora condenada por uma antropologia anticorporal e por políticas disciplinadoras e alienantes” (p. 56).

Este mesmo autor nos indica que para entendermos melhor o novo momento da Educação Física na sociedade da era pós-moderna, podemos identificar seis grandes

desafios para que ela possa ir além dos limites da física, da bioquímica e da mecânica: O primeiro “surge de uma profunda revisão de teorias pedagógicas cognitivas, inspiradas no racionalismo cartesiano, responsável pela exclusão do corpo no ato de pensar”. O segundo “conseqüência do primeiro, leva a redesenhar o perfil da corporeidade humana”. O terceiro “situa-se no contexto das ciências”, dizendo que a Educação Física necessita de um referencial “epistemológico, não necessariamente baseado nas ciências modernas para fundamentar sua ação”. O quarto “manifesta-se com o compromisso social”. O quinto vinculado às práticas desportivas e o sexto “dizem respeito à corporeidade humana”. (p. 56). Se observarmos, todos têm uma relação com o corpo, mas três estão diretamente relacionados ao corpo. Isto demonstra o quanto é importante para os profissionais da Educação Física, repensar sua prática escolar, geralmente baseada somente no esporte.

Santin (2002, p.62) é de opinião que “torna-se fundamental a cultura corporal baseada no respeito à vida. O corpo não pode continuar sendo instrumento ou meio para atingir um resultado”. Ele nos lembra que “a história é testemunha de ordens sociais discriminatórias e odiosas, mas sempre em nome da preservação do ideal de humanidade” e que “hoje não estamos livres destes processos de exclusão. Apenas mudamos de modelo, não sei se menos perverso”.

Ernest-Pereira, (2005) em sua pesquisa sobre *Corpus Discursivos no Espaço Escolar*, cuja finalidade foi investigar as diferentes práticas discursivas que se efetiva nas instituições escolares, escreve que

o culto à juventude e a beleza, o privilégio da pele branca, o medo da velhice e da morte, a moda e as representações coletivas impõem cânones que só um pequeno número consegue alcançar e impedem que a maioria sinta-se a vontade em seu próprio corpo e aceite sua

imagem. Historicamente, essa relação é construída através de diferentes práticas discursivas que atuam no sentido de conter os corpos. Existem na realidade, sistemas de coerção que proíbem certos corpos – o gordo, o baixo, o negro, por exemplo-, e certas palavras e expressões que se referem, de maneira grosseira ao corpo, como as encontradas nas portas e paredes dos banheiros das escolas (p.02).

Numa era em que tudo é responsabilidade do indivíduo, atribui-se esta responsabilidade em relação ao corpo também para o indivíduo, que se não corresponde ao modelo padrão, recebe a culpa total de ser assim, e será rotulado como desleixado, relaxado, desorganizado, sem força de vontade etc., e isto ocorre também no espaço escolar. Para Aguiar (2005), as pesquisas apontam que as relações no contexto escolar podem influenciar os comportamentos dos alunos e seu auto-conceito. Que os adolescentes que fogem do padrão sociais considerados normais sofrem de práticas excludentes no cotidiano escolar.

Segundo Natalie (2006, p.65), a imagem corporal está extremamente ligada com o que se pensa e se sente de si mesmo. É como um conjunto de representações mentais e corporais acumuladas ao longo do tempo de vida. Para a construção destas imagens são considerados aspectos visuais, impressões táteis, experiências dolorosas e prazerosas permeadas por significados afetivos, culturais, relacionais e cognitivos presentes na história da vida da pessoa. Para Maeda (*apud* NATALIE, 2006), o distúrbio da imagem corporal tem ligação direta com o conceito geral de si e a auto-estima corresponde a satisfação do indivíduo consigo mesmo e envolve valoração que pode ser positiva ou negativa. Pessoas que aceitam bem o próprio corpo, seus limites, dificuldades e diferenças têm auto-estima mais elevada. O corpo reflete a história pessoal, fruto da subjetividade e determinante da relação do ser humano com o mundo. Este relacionamento se torna conflituoso quando o

indivíduo confere importância à moda e à beleza física de poucos como se fosse possível adotar modelos idealizados como parâmetro para as massas, sem levar em conta as diferenças. Maeda (*apud* NATALIE, 2006) ainda cita que as exigências culturais se refletem na formação de imagem corporal no psiquismo, favorecendo a obsessão pela saúde e a supervalorização física.

Quando a pessoa se sente com a auto-imagem distorcida existe um sentimento de constrangimento que pode ser observado nos alunos como forma de ansiedade social, relacionada à timidez e a vergonha, resultante da preocupação da avaliação dos outros sobre sua forma física real ou imaginária. O constrangimento pode ser percebido como o resultado da preocupação que as pessoas manifestam acerca do seu comportamento observado e o desejo de agir segundo as expectativas e os interesses dos demais. Promove insegurança e sofrimento psicológico. Por isso é preciso que os seres humanos acreditem que ainda é possível mudar.

É preciso ter coragem para andar na contra mão deste trânsito maluco que é este sistema social atual. É preciso se assumir como pessoa, como ser único. Devemos ministrar aulas com este tema nas nossas escolas, onde temos oportunidade de intervir, embora nunca se deva esquecer a responsabilidade social que temos também fora da escola. Nosso corpo necessita se expressar de todas as formas. Utilizando-se aqui do pensamento de Guedes (*apud* BRANDL NETO, 1998), que para demonstrar um pouco da força que se tem quando a expressão corporal é exercida na sociedade, principalmente de forma coletiva, ela escreve que é o corpo que sou (não o que tenho), junto com os outros, que falam o que pensamos, que gritam seus direitos nas ruas, que fazem greve e depõem presidentes, que aram lavouras, que denunciam às diferenças, que refletem a miséria e a fome, que sobrevivem a

tanta violência e corrupção.

Ao longo dos anos de atuação profissional na educação, percebemos que há um interesse e cuidado com os conteúdos do currículo escolar, em vários campos do saber. Mas, a questão do ser humano, sua corporeidade como processo de auto-desenvolvimento, como processo de auto-conhecimento e auto-expressão, não tem tido a importância que deveria ter.

Santin (2001, p.14) aborda muito bem a complexidade da questão corporal. Diz que, afirmar que sou corpo, em teoria é fácil, mas, não é tão simples assim na vida prática assumir as consequências. Cita que geralmente as pessoas possuem restrições com seu corpo e não é raro encontrar também quem tenha forte rejeição pelo corpo. Demonstra bem a influência da mídia, quando refere que, dificilmente, especialmente depois do surgimento e exaltação das imagens televisivas, encontram-se pessoas que cultuam e cultivam o próprio corpo. Que geralmente as pessoas admitem que, são corpo, mas querem ser o corpo de outra pessoa. Mostra que “pela engenharia genética cada organismo vivo é sua corporeidade” (p. 4). Portanto, o autor acredita que qualquer tentativa de homogeneização é vulnerável.

Cury (2005), psiquiatra e pesquisador sobre o assunto, escreve um romance abordando a questão corporal no mundo moderno (a ditadura da beleza), o sofrimento psíquico de mulheres, adolescentes e até crianças que mutilam sua auto-estima e estão adoecendo por causa desta ditadura. Aborda também a dura vida de modelos, que se submetem a regime de fome para conseguir a glória de estar nas passarelas, bem como o sofrimento da família quando percebe o que está ocorrendo. Um romance que retrata a realidade em que vivemos e também como são tratadas estas modelos pelas agências e pela mídia. Uma leitura de fácil entendimento, sob forma de ficção, mas que pode contribuir com

informações importantes para que as pessoas possam refletir sobre o assunto e recomendada para escolares.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudarmos a história do corpo, percebe-se que este nunca deixou de ser dominado e, mesmo que atualmente tenha se libertado de muitas amarras, ainda se encontra aprisionado de outra forma. É inegável o poder mágico que a mídia possui sobre as pessoas. A publicidade ostensiva dos meios de comunicação de massa, principalmente a televisiva tem imposto como sinônimo de felicidade e sucesso um modelo corporal padronizado, onde a maioria das pessoas não se reconhece, mesmo assim idealiza e procura atingir a qualquer custo. Corpo este, que deixa de ser indivíduo para se tornar espelho de um modelo midiático idealizado e submetido a constantes práticas transformadoras da aparência.

Este corpo construído no inconsciente das pessoas pelo poder midiático, está influenciando de maneira perversa a auto-estima e auto-imagem dos pré-adolescentes e adolescentes, principalmente em relação ao corpo feminino, causando um sofrimento psíquico. No nosso modo de entender, se faz necessário estar presente no currículo escolar conteúdos que proporcionem discussões/debates sobre o corpo historicamente construído, que questionem as atuais transformações que o corpo vem sofrendo: a objetualização, a fragmentação, a mercantilização, a exploração, a canonização, a desapropriação do próprio corpo, dentre outras. Provocando reflexões de como a mídia interfere nesta cultura de consumo em um sistema capitalista, pois, não podemos esquecer que a escola encontra-se imersa em uma sociedade marcada por uma cultura consumista, que vem produzindo mudanças bruscas em relação aos valores

individuais e coletivos.

A escola necessita criar possibilidades para esses sujeitos ocuparem seus lugares e funções na sociedade, com consciência crítica, procurando se conhecer e se compreender profundamente. Compreender o contexto histórico do corpo, sua singularidade, sua cultura e sua inserção social. Ser respeitado e valorizado enquanto sujeito, que necessita ser compreendido em todas as suas dimensões, que necessita ser respeitado no seu jeito de ser, valorizado como ser único, que faz parte de uma sociedade de forma orgânica, com responsabilidade individual e coletiva.

## 6 REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Maira Pego. Adolescentes e autoconceito: Um estudo sobre a constituição social e histórica da subjetividade no contexto escolar. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 28., 2005, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2005.
- APOSTÓLICO, Cimara. **Telenovela: o olhar capturado - construção da tríade telespectador, corpo e imagem.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.
- BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de consumo.** Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- BRANDL NETO, Inácio. Uma breve visão do corpo na história da filosofia ocidental. In: PERES, L.S.; BRANDL, C.E.H.; BRANDL NETO, I. **Educação Física: Abordagem histórica do corpo e novas perspectivas.** Cascavel: Edunioeste, 1998.
- BRANDL, Carmem E.H. Dualidade corpo-mente e paradigmas da Educação Física. In: PERES, L.S.; BRANDL, C.E.H.; BRANDL NETO, I. **Educação Física: Abordagem histórica do corpo e novas perspectivas.** Cascavel: Edunioeste, 1998.
- BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria. **Videologias.** São Paulo: Boitempo, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder uma análise da mídia.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- CURY, Augusto. **A ditadura da beleza e a revolução das**

**mulheres.** Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

ERNEST-PEREIRA, Aracy. A construção do corpo através do discurso. Escatologias no espaço escolar. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE ESTUDIOS DEL DISCURSO, 6., 2005, Santiago, Chile. **Anais...** Santiago: Centro de Extensión Pontificia Universidad Católica de Chile, 2005.

FERNANDES, Maria H. Corpo. **Clínica psicanalítica.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos.** Vol. XXI . Rio de Janeiro: Imago, 1995.

GORZ, André. **Carta a D. História de um amor.** São Paulo: Annablume, 2008.

NATALIE, Kathia. Diante do espelho. **Revista Mente & Cérebro.** Edição de aniversário, n. 164, p. 65- 69, set., 2006.

PIANA, Madeleine; FRADE, Isabel Cristina. Mediações sociais na construção dos valores estéticos corporais femininos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro, Chile. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

QUEVEDO, Marina. **O Corpo da Mídia e o Corpo do Homem.** Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/corpomidia.pdf>>. Texto originalmente publicado no site <http://www.estadao.com.br> em 13 de fevereiro de 2003.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento.** Porto Alegre: EST, 2001.

SANTIN, Silvino. **Textos malditos.** Porto Alegre: EST, 2002.

SERRA, Giane Moliari Amaral. Saúde e nutrição na adolescência: obesidade e corpo ideal. Escola Nacional de Saúde Pública. **Revista Capricho,** 2001.

VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred. **Em nome do corpo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

---

#### Correspondência:

Autor: Inácio Brandl Neto

Endereço: Rua Dom João VI, 1984. Marechal Cândido Rondon, PR.

CEP: 85960-000

E-mail: [inaciobrandl@gmail.com](mailto:inaciobrandl@gmail.com)

**Recebido em 11 de dezembro de 2010.**

**Aceito em 11 de janeiro de 2011.**